



TOPÔNIMO: UM SIGNO MOTIVADO (TOPONYM: A MOTIVATED SIGN)

Ivone Alves de LIMA (UEL)

ABSTRACT: Toponyms are motivated linguistic signs when analysed in their specific context; although the significant does not have natural connection with the meaning. Studying them is a way to know the place inhabitants. To analyse Paraná toponyms is to know Paraná: its history, its people.

KEYWORDS: Toponymy, toponyms, motivation.

0.Introdução:

A toponímia, parte da onomástica que estuda os nomes próprios de lugar, teve seu início na França por volta de 1878, com Auguste Longnon. Mais tarde, 1922, os estudos foram retomados por Albert Dauzat que organizou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia. A partir daí, os estudos nesse campo começaram a ocorrer também na América e na Rússia.

O projeto ATEPAR: esboço de um atlas toponímico do Paraná, desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina fez o levantamento e a classificação dos topônimos de 323 municípios do Paraná de acordo com a taxionomia proposta por DICK(1980)

Ao analisar o material coletado junto aos municípios, demos atenção especial ao histórico. Muitos deles eram apenas relatos de datas, número de vereadores, prefeitos, mas alguns podiam ser considerados verdadeiras declarações de amor à localidade, e um fato deve ser registrado pois era comum a quase todos: havia sempre referências ao porquê do nome ou da mudança de nome do município. Tal informação apontava para um aspecto particular do topônimo: não era um nome escolhido aleatoriamente, havia por trás dele uma motivação que, nas palavras de Ullmann (1964)“podia esclarecer muitos aspectos da história política, social e econômica dos lugares que representava”. Era um signo lingüístico diferenciado. Não parecia assim tão arbitrário. Não estamos aqui dizendo que entre o significante e o significado, nos casos dos topônimos, haja algum tipo de vínculo natural, mas que o nomeador tenha escolhido aquele nome por um motivo especial. No momento da nomeação, o falante tinha livre escolha e, por trás dessa escolha, não havia nenhuma convenção.



Segundo Guiraud(1980:27), “o signo é arbitrário na medida em que não existe entre o significante e o significado qualquer relação além de uma pura convenção dos locutores; caso contrário ele é chamado motivado(...) a essência do signo lingüístico é a convencionalidade e não o arbitrário, convencionalidade que tende à desmotivação do signo, mas que exclui a motivação”. Para o autor, somente nesse caso a motivação é secundária, havendo dois fatos indiscutíveis: grande parte das palavras que empregamos é motivada e toda palavra é sempre motivada em sua origem . Essa motivação original pode ser em virtude de uma relação natural entre a forma acústica e a coisa significada(as onomatopéias) ou por uma relação intralingüística entre as palavras no interior da língua, relação que pode ser de ordem morfológica(composição, derivação) ou semântica(mudança de sentido).

Embora tenhamos exemplos dessa motivação entre os topônimos, como , por exemplo, Londrina, palavra derivada de Londres; Nova Santa Rosa, composição que resultou da junção do adjetivo nova ao já composto Santa Rosa e que foram usados para nomear os lugares com a intenção de homenagear os nomes primitivos, não é exatamente a esse tipo de motivação que nos referimos.

No caso específico dos nomes próprios, Ullmann(1964) coloca que eles servem “apenas para identificar uma pessoa ou objeto, singularizando-os entre as entidades semelhantes”. Citando John Stuart Mill, o autor diz que “os nomes próprios não são conotativos: designam os indivíduos que por eles são chamados, mas não indicam nem implicam nenhum atributo como pertencente a estes indivíduos”. Segundo Ullmann(1964), Jespersen inverteu a fórmula de Mill, pretendendo que os nomes próprios “embora não tenham significado isoladamente, <conotarão> muito se se aplicarem num contexto específico a uma pessoa ou lugar particulares”, argumentando que há nessa afirmação uma certa confusão entre língua e fala, com razão.

No trabalho com os topônimos, tendemos a concordar com Jespersen que os nomes de lugar conotarão muito desde que tenhamos conhecimento dos motivos pelos quais eles foram empregados e isso só vai ser possível se conhecermos a realidade da região, do segmento que o emprega. Aí estaremos mais para a fala que para a língua. A motivação que leva à conotação, em toponímia, é particular, específica.

Nesse sentido, consideramos o topônimo um nome próprio cheio de “ricas conotações quando se aplicam a pessoa ou lugares conhecidos quer pelo locutor quer pelo ouvinte...”(Ullmann,1964:154). É um signo altamente motivado: não porque guarde uma relação natural ou intralingüística , como diz Guiraud(1980), mas porque ao nomear um lugar o homem está pleno de intenções. Ele não escolhe um nome ao acaso, há sempre uma razão, um porquê, mesmo que muitas vezes não consigamos entendê-los. É essa intenção , essa razão, esse porquê que chamamos de motivação. Para apreender essa motivação, é preciso conhecer “esse homem que nomeia”.

Esse “conhecimento” vem através do que nos contam os históricos de cada município. Através deles podemos constatar que os topônimos contam a história do homem



paranaense: sua origem, sua cultura, suas crenças, sua visão de mundo, sua política, enfim, sua vida está registrada naqueles signos, mesmo quando ele não participa da nomeação.

1. Os topônimos paranaenses e sua motivação:

Fazendo um levantamento das “motivações” dos 323 municípios já pesquisados, recortamos 118 que passaram por mais de uma nomeação para analisarmos os motivos dessas nomeações, desnomeações e renomeações em particular, embora tratemos também dos outros.

Para começarmos a conhecer o homem paranaense, é necessário revermos um pouco de sua história que compreende a formação de três comunidades regionais: a do Paraná tradicional, que se esboçou no Séc. XVII, com a procura do ouro; as do Paraná moderno, Séc. XX, sendo a do Norte, com a agricultura do café (diretamente ligada a São Paulo) e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais, mais intimamente ligadas ao Rio Grande do Sul. Cada uma dessas comunidades criou seu próprio tipo de economia, firmou um tipo de sociedade e fundou suas próprias cidades.

Embora a colonização do Paraná moderno tenha realmente acontecido no século vinte, não podemos deixar de assinalar a presença espanhola a partir do séc. XVI. Essa presença veio através dos Jesuítas que fundaram reduções que chegaram a abrigar perto de cem mil índios. A idéia era criar uma República Guarani nas terras de Castela. As igrejas eram melhores e maiores que as de Assunção, os índios conversos possuíam parrelha de bois para arar a terra, seus filhos tinham aula de catecismo, leitura, escrita e música na língua guarani. Essas reduções tinham como coordenador o Pe. Antonio Ruiz de Montoya que, segundo contam, quando chegaram os bandeirantes com o intuito de prear os gentios e retomar as terras para Portugal, conseguiu transportar grande parte dos cem mil índios para as missões do sul, salvando-os do massacre e da ca

A ocupação espanhola, ainda que tenha sido extinta há séculos, constitui-se em motivação para a nomeação de cidades fundadas no séc. XX. É o caso dos municípios de Santo Inácio, Jesuítas e do Distrito Montoya. O primeiro é uma referência à Redução de Santo Inácio Mini, fundada em 1610; o segundo, aos padres jesuítas e o terceiro ao coordenador das reduções.

Podemos citar ainda os topônimos “Peabiru” e “São Tomé”, os dois uma homenagem ao milenar Caminho de Peabiru, utilizado pelos indígenas em períodos pré-cabralinos em suas permanentes viagens do litoral brasileiro aos contrafortes andinos e vice-versa. Via que, mais tarde, serviu de linha mestra para o extermínio e desagregação do gentio paranaense.

É necessário, porém, explicitar que a presença espanhola no Ocidente do Paraná não chegou a constituir uma comunidade em território paranaense, constituindo-se hoje apenas em fatos históricos lembrados pelas ruínas e topônimos..

Após a expulsão dos Jesuítas, a Costa Oeste ficou “adormecida” por mais de trezentos anos, enquanto a Costa Leste continuou sendo desbravada e povoada. Portanto, como já foi



dito, temos diferentes tempos de colonização: o Leste e o Sul com uma colonização mais antiga, resultado da exploração do ouro, do extrativismo e do tropeirismo; o Norte e o Oeste, com ocupação mais recente, resultado da agricultura do café e da exploração da madeira. Esses fatos históricos estão registrados nos topônimos constituindo-se em fonte de motivação.

As povoações da Costa Leste, principalmente as mais antigas, sofreram a influência do processo de “sacralização” que consistia numa tendência dos desbravadores portugueses, profundamente cristão, de dar nomes de santos, de Nossa Senhora e da Santíssima Trindade às cidades, capitanias e acidentes geográficos em geral. Esse processo cedeu lugar ao “materialismo mental” (denominação através de critérios metonímicos, com base na fauna, flora, enfim, na natureza brasileira), ocorrendo então a dessacralização, razão pela qual muitas localidades mudaram de nome.

Freguesia Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais	Curitiba
Freguesia Nossa Senhora do Pilar da Graciosa	Antonina
Nossa Senhora da Luz de Tindiquera ou	
Nossa Senhora do Remédios do Iguassu	Araucária
Vila de São Luiz da Marinha de Guaratuba	Guaratuba

Mas nem sempre o processo de dessacralização é o motivo da mudança de nome. Isso também ocorre nas localidades mais recentes e a motivação é bem mais variada. Muitos povoados são rebatizados quando sua constituição política muda., isto é, na passagem de vila a distrito, de distrito a município. Esse progresso político muitas vezes leva a população ou os dirigentes a pensar em nomes mais elaborados. No primeiro momento de nomeação, a inspiração parece ser elementos mais próximos do homem.

Analisando os motivos descritos nos históricos dos 323 municípios pesquisados, selecionamos algumas localidades que sofreram mudança na designação, algumas por mais de uma vez, quase sempre com motivações diferentes. Nessa análise verificamos que a motivação inicial repousava em quatro grandes fontes inspiradoras: o homem, a natureza, a religião, a política.

a) O homem - que poder ser tanto os primeiros habitantes quanto personagens influentes.

Conselheiro Myrinck	Maria Souza
Laranjeiras do Sul	Sesmaria dos Nogueiras
Munhoz de Mello	Interventor Manoel Ribas
Mandaguari	Vila Lovat
Itaguajé	Lupionzinho
Santa Amélia	Duque de Caxias



b) A natureza - influências da fauna, da flora, da topografia.

Fauna	Marrecas	Francisco Beltrão
	Alambari	Cambará
	Cupim	Imbituva
	Macuco	Diamante do Norte
Flora	Inferno Verde	Atalaia
	Pinhalzinho	Janiópolis
	Guabirobas	São João
	Vila Ingá	Andirá
	Jaracatiá	Enéas Marques
	Taquaral	Ribeirão Claro
Topografia	Patrimônio do Café	Ibaiti
	Barreiro D'Oeste	Boa Esperança
	Boa Vista	Inácio Martins
	Sertãozinho	Engenheiro Beltrão
	Campina Alta	Manoel Ribas
	Serra da Pitanga	Pitanga
	Cachoeirinha	Arapoti
	Pousada do Oeste	Diamante do Oeste
	Arraial Queimado	Bocaiuva do Sul

Cada um desses nomes tem uma história ligada ao espaço ocupado pelo homem. A natureza era seu desafio e sua inspiração e isso ficou registrado no topônimo escolhido para identificar o lugar habitado.

A diversidade da flora, da fauna e da geografia paranaense está aí colocada: pinheiro, amoreira, iguabiroba, ingá, jaracatiá, taquara, café, marreco, alambari, cupim, ja macuco; campina, cachoeira. Também as dificuldades por eles enfrentadas no processo inicial de colonização estão registradas nos nomes: as chuvas que transformavam o solo em barreiros; o fogo que mudava a paisagem em queimadas; os tropeiros que atravessaram o Paraná e tinham seu momento de descanso nos pousos.

c) A religião: homenagens a santos e santas do hagiológico romano.

São José dos Bandeirantes	Jaguapitã
São Bom Jesus dos Passos	Carlópolis
Colônia de Santa Bárbara	Bituruna
Vila Nova do Espírito Santo	Ribeirão do Pinhal



d) A política e outras influências - nesse item englobamos as motivações oriundas do sentimento político, étnico, histórico.

Tupassi

Assis Chateaubriand

Gaúcha

São Miguel do Iguaçu

Brasópolis

Wenceslau Braz

Iroí

Presidente Castelo Branco

Pode-se, também, afirmar que, na mudança de situação política tende a permanecer o nome inspirado na natureza. Um outro fato a ser ressaltado é a referência a nomes de políticos. Raramente isso acontece na primeira nomeação. É algo que surge com o progresso, acenando para a intenção de agradar os poderosos: Antonina, Presidente Castelo Branco, Presidente Wenceslau Braz, Assis Chateaubriand, Almirante Tamandaré,

3. Concluindo....

Após todos esses exemplos, podemos reafirmar que o topônimo é um signo lingüístico motivado.

RESUMO: Topônimos são signos lingüísticos motivados quando analisados em seu contexto específico: o lugar que nomeiam, embora o significante não mantenha vínculo natural com a coisa representada. Através deles pode-se conhecer o homem que habita ou habitou o lugar. Analisar os topônimos paranaenses é entender o Paraná, sua história, sua gente.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, topônimos, motivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luiz Carlos Ribas de. *Conheça Curitiba*. Curitiba, Estética Artes Gráficas Ltda., 1997.

CARDOSO, Jayme Antonio e WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. Curitiba, Indústria Gráfica. Projeto – Co-edição com a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo, 1980, Edições Arquivo do Estado.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá, Memórial Brasileira, 1996.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. 3ed., São Paulo - Rio, DIFEL/Difusão Editora S/A, 1980.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. 2ed., Rio, Presença, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 8ed., São Paulo, Cultrix, 1977.



ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado, Trad. J. A Osório Mateus. 3ed., Lisboa, Fundação Galuste Gulbenkian, 1964.